

Séc. Jb

# ONU procura melhorar coordenação das suas Agências em Moçambique

A ONU vai estudar em Outubro próximo como melhorar a coordenação da acção das suas agências e organizações nos países em que tem presença, como Moçambique, indicou Eric de Mull, representante do PNUD em Maputo.

Segundo um relatório elaborado por um consultor britânico e outro moçambicano, cuja versão não definitiva foi já divulgado pelo boletim 'Mediafax', 27 instituições do sistema da ONU e cerca de 200 Organizações Não-Governamentais (ONG's) operam em Moçambique, para além dos doadores bilaterais.

De Mull, coordenador da ONU em Moçambique, revelou que de 12 a 14 de Outubro vai ter lugar em Turim, Itália, um seminário com participação de funcionários das agências da ONU e dos seus representantes em dez países, bem como dos respectivos governos, sobre o modo de definir estratégias a nível nacional.

Moçambique, a par do Botswana, Gana, Quênia e Zimbabué, em África, Jamaica e Chile, na América Latina, e Síria, Tailândia e Sri Lanka, na Ásia, foi um dos países escolhidos para estar presente.

O objectivo da reunião de Turim é «comparar e com-

partilhar experiências» para que se elabore um documento-guia que seja utilizado em todos os países na feitura da chamada «Country Strategic Note» (Apontamento sobre a Estratégia Nacional).

O relatório sobre Moçambique deverá ficar pronto dentro de cerca de duas semanas, e segundo a versão revelada pelo 'Mediafax', falta coordenação e harmonização entre as agências e «as tentativas do Governo para coordenar estas intervenções por vezes complicam a situação».

A ONU pretende nomeadamente «harmonizar» os períodos de vigência dos seus programas, acabando com situações em que o PNUD tem um plano para 1993-97 e a UNICEF para 1994-96.

Para Moçambique, a harmonização da vigência dos programas deve ter lugar em 1996-97, na base de «um programa global de todo o sistema», em coordenação com o Governo, dentro do qual «cada agência começa a preparar o seu plano de acção», segundo o representante do PNUD.

De Mull considerou que a nível local «pode conseguir-se esse tipo de acordos», mas vê dificuldades nas sedes das institui-

ções, cujas instruções e sugestões «interferem no trabalho».

Moçambique é um dos países mais populares do Mundo — afirmou o representante do PNUD — que explicou o elevado número de organizações da ONU, ONG's e países doadores não só pela pobreza do País, mas também como «reflexo» da guerra fria.

«Tivemos os países socialistas e também os ocidentais à procura de ganharem influência». E existe ainda um terceiro grupo de países, os Nórdicos, que descreveu como «os idealistas».

O funcionário das Nações Unidas calculou que anualmente o volume total dos fundos canalizados para Moçambique por todos os doadores — países, agências e ONG's — ascende a cerca de 1.000 milhões de dólares.

Apesar da falta de coordenação, De Mull considerou que «há tantos problemas que é quase impossível» que haja uma sobreposição das diversas acções das agências e ONG's.

O que é importante é «verificar as áreas que não têm cobertura nenhuma» — considerou.

«Idealmente deveria ser o Governo moçambicano a coordenar», mas De Mull, reconhecendo o esforço

das autoridades, considerou que existe falta de quadros nacionais para tal.

«Os países doadores que actuam no campo bilateral têm também as suas preferências e isso não torna a coordenação fácil» — disse ainda.

Além disso, em Moçambique, estão presentes várias áreas de acção, desde a ajuda de emergência, passando pela ajuda à reintegração até à ajuda ao desenvolvimento.